

SERIA MELHOR SE FOSSE YOLANDA

Olhando pela janela, sentia-se cansada de ver sempre a mesma paisagem. Gostava de Miami, mas as manhãs quentes de agosto sempre lhe traziam saudades de Cuba. Começou a fazer as contas de quantos verões se passaram, desde que chegara aos Estados Unidos – 38 verões ou já seriam já 39?

Não estava arrependida da decisão que tomara em 1972, quando ainda tinha 39 anos, mas agora, perto dos 80, essa sensação de enfado em relação à beleza tão organizada de Miami era maior, como se lhe fosse possível ir ao encontro do seu contrário: a beleza meio crioula, meio americanizada da Havana dos anos de 1940 e 1950.

Sua juventude foi espetacular. Os jantares dançantes ao som do bolero e do jazz, o som que sempre preenchia com seus saxofones os *night clubs* cubanos após as 23h. Os passeios pelo Malecón nos finais de tarde, onde era possível ver e ser visto. Os banhos na piscina do Hotel Nacional, sempre que seus pais iam passar o dia com algum casal amigo que estivesse a negócios em Cuba. As noites no Cassino, quando já estava casada, em que, entre um cuba libre e outro, se podia olhar os vestidos e os penteados, antes admirados nos filmes de Hollywood

Foi num dos shows do Hotel Nacional que conheceu Juan Carlos, seu marido. Embora ele já tivesse 40 anos e ela nem tivesse chegado aos 20, Mercedes soube naquela hora que o queria. Ele estava vestido de terno branco com uma gravata borboleta de cetim preto, que combinava com os sapatos de verniz. Dois dias depois, quando o reviu no Restaurante El Templete, cuja varanda dava frente para a entrada da baía, ele estava com uma camisa azul clara que realçava o dourado da sua pele, o azul dos seus olhos e o vigor dos seus músculos. Neste dia, ele também prestou atenção nela. A cintura muito fina e os cabelos negros e compridos, que trazia

sempre presos num rabo de cavalo na nuca, tornavam-lhe muito atraente no vestido amarelo pregueado.

A campainha tocou e despertou Mercedes de suas reminiscências tão agradáveis. As dores nas pernas tinham aumentado, nas últimas semanas, e se levantar da poltrona, atravessar a sala e abrir a porta para Dolores, pareceu tão difícil como percorrer vários quilômetros. Além do mais preferia não interromper aqueles momentos de rememoração e, sobretudo, não se deparar com essa dominicana, que às 3as. e 5as. feiras vinha trabalhar em seu apartamento. Desde que sua tia Pilar se aposentara e voltara para Santo Domingo, deixando sua sobrinha como substituta, Mercedes começara a pensar em se mudar para uma das instituições caríssimas, mas agradáveis, em que se podia ficar na velhice, sem depender de manter uma casa só para ela.

No entanto, quando via o mar pela janela, lembrava que perderia a possibilidade de olhar longe, como se pudesse ver Cuba, de manter seus objetos de estimação – as cadeiras desenhadas por Le Corbusier; o aparelho de chá em porcelana, que comprara na Áustria; o grande vaso azul de murano da maravilhosa viagem que fizera a Veneza, com Pablo; as dezenas de álbuns de fotografias dos filhos e netos que organizou, desde o dia em que completou 70 anos. Seria como deixar escoar, pelo ralo, partes de sua vida. Resistia e preferia ficar no apartamento, para o quê teria que agüentar a insolência de Dolores.

Ela fazia direitinho o serviço e até cozinhava bem, mas as saias curtíssimas, os olhos ainda manchados com o rímel da noite anterior e o exagero no uso das bijuterias tornavam a juventude de Dolores um acinte para Mercedes. Sua presença contundente, sempre cantando, era como um lembrete ecoando na sua alma, martelando, martelando, martelando: “Você já está acabando, não dança mais, não pode beber um bom rum, não faz sexo e nem seus filhos, nem seus netos aparecem por aqui como você imaginaria que eles viriam, quando tomou a decisão de deixar Cuba”.

Cumprimentou a dominicana secamente, com um bom dia quase quieto e voltou a sentar na poltrona diante da janela, lembrando-se, novamente, de Juan Carlos.

Depois de seis meses que se conheceram, casaram-se numa festa linda. Era janeiro de 1951. Teria preferido esperar junho para a festa ser no verão, mas Juan Carlos já era viúvo, tinha excelente situação econômica, teria que ir à Europa, para tratar de seus negócios associados à exportação do tabaco e, além disso, o fogo entre eles ardia tanto que já haviam feito amor, quando foram passar um final de semana com sua família em Varadero, dois meses antes do casamento. Foi uma coisa apressada, no banco de trás do Chevrolet conversível dele, no momento em que chegavam de uma festa. Não houve tempo nem circunstâncias para que pudessem tirar a roupa, mas desafiar aos pais, aos ensinamentos que recebera na escola católica e, sobretudo, ao seu irmão, sempre controlador de suas liberdades, foi realmente tão ou mais sensacional que fazer sexo pela primeira vez na vida.

Quando os revolucionários tomaram Havana, em janeiro de 1959, Mercedes tinha seus dois filhos e já havia tomado a decisão de não ter mais nenhum. Não queria ficar como sua mãe que, aos trinta anos, já estava com um corpo de matrona, tantos foram os partos, tantas foram as amamentações. Além do mais, Juan Carlos continuava viajando a negócios e um número maior de filhos implicaria em mais dificuldades para acompanhá-lo pelo mundo, como já estava ocorrendo. Desconfiava que, aqui e ali, seu marido tinha seus casos amorosos porque, da parte dele, já não havia mais aquele fogo para sexo todo dia e as estripulias na cama dos primeiros anos de casados já tinham se tornado passado.

Dolores chegou com o seu suco de laranja e mais uma vez Mercedes explica que ela deve trazê-lo na bandeja e em copo de cristal. Efetivamente, odeia essa americanização contemporânea dos descartados e se lembrou dos guardanapos de algodão puro, que sua mãe lhe ensinou como deveriam ser dobrados depois de passados e engomados. Sempre gostou dessas *finesses*. Pensando bem, é por isso que detestou a experiência “revolucionária” e, sobretudo, Fidel Castro.

Conheceram-se na Universidade de Havana, ele já estava terminando o curso de Direito e ela iniciando o seu de História. Já era um líder e se impunha tanto pelo porte, como pela forma de querer fascinar a todos com suas ideias. A vida parecia,

então, maravilhosa para Mercedes e ele, como se fosse para contrariar seu mundo de conta de fadas, insistia em falar sobre a luta por um mundo mais justo.

Seu pai volta e meia fazia, entre família apenas, comentários sobre a política de Fulgência Batista, criticando sua forma truculenta e mesmo sanguinária de resolver os problemas, avaliando que isso poderia gerar uma rebelião popular e dificultar as boas relações que Cuba tinha com os Estados Unidos. A percepção de seu pai foi predestinatória. Embora ele não fosse propriamente amigo do ditador, sua política interessava a ele, a seus irmãos e ao círculo de seus amigos, visto que a parceria com os Estados Unidos assegurava sempre bons negócios. Seu pai, Alfonso, era um homem, efetivamente, correto, tanto assim que nunca quis se aproximar da parcela da elite cubana que se beneficiava da associação entre hotéis, jogo e prostituição. No entanto, quando a revolução venceu, ele foi tão prejudicado, quanto o foram todos os empresários que viviam na ilha.

Permaneceram com a bonita casa de esquina, numa das avenidas mais bonitas do bairro Miramar, onde Mercedes passou toda sua infância. No entanto, tiveram que passar para o Estado a titularidade das fábricas de tabaco e, sobretudo, o escritório de importação e exportação que nascera como atividade complementar às indústrias, mas afinal se tornara muito mais rentável. Alfonso morreu em 1962, melancólico, provavelmente por causa das perdas material e de prestígio, que a vitória da Revolução lhe imputaram.

Sua casa com Juan Carlos também se localizava em Miramar e tomava quase meia quadra. Era cercada por jardins muito bonitos e das varandas frontal e lateral era maravilhoso olhar para as árvores e ouvir o barulho que o vento forte soprando do mar, em julho e agosto, fazia reverberar.

Dois anos depois, em 1964, quando voltando de uma viagem a Cienfuegos, Juan Carlos sofreu um acidente e morreu, Mercedes sentiu-se completamente sozinha para cuidar dos filhos e com a responsabilidade de dar apoio a sua mãe, uma vez que seus dois irmãos, depois de casados, haviam se afastado um pouco da família.

Durante oito anos – 1964 a 1972 – ela acalentou em seu coração: mágoas dos irmãos que pouco apoio lhe davam; saudades do pai a quem sempre admirou pelas ideias e forma carinhosa como a tratava; ressentimentos de Juan Carlos que adorava dirigir em alta velocidade, razão pela qual se acidentou, deixando-a com dois filhos ainda adolescentes; sensação de perda em relação à vida de fausto material a que estivera acostumada; ódio de Fidel Castro e da revolução, no que sintetizava todas as suas dores, afinal não fosse essa mudança, no curso de suas vidas, muitas outras coisas não teriam acontecido.

Foi nesta fase que se aproximou de Pablo. Ele tinha sido secretário de Juan Carlos e convivia com eles, no ambiente de trabalho e no familiar. Era alto, moreno, com os traços delicados, contrastando com os olhos enormes. Quando Juan Carlos ainda estava vivo, Mercedes já percebia os olhares de cobiça de Pablo e ficava lisonjeada de ser desejada, uma vez que sua vida sexual com o marido estava cada vez mais morna. Quando a fábrica foi confiscada e os negócios de Juan Carlos se interromperam, Pablo ficou por ali, prestando pequenos serviços e morando numa das duas construções que estavam nos fundos da casa, logo depois do pomar que se seguia ao jardim.

Com a morte do marido, Mercedes achou conveniente manter esse abrigo, porque seus conhecimentos de contabilidade e legislação, bem como sua capacidade de tomar pequenas providências eram interessantes a uma mulher viúva que ficara com algum patrimônio no exterior, cuja extensão ela não conhecia.

Todos os dias havia reuniões com Pablo que, estudando toda documentação, que Juan Carlos tinha no escritório, descobriu que havia dois imóveis na Flórida. Mercedes só tinha conhecimento da casa de verão, que ele construía para a primeira esposa, que morrera no parto do primeiro filho. Depois de sua morte é que tomou conhecimento do apartamento de frente para o mar e não imaginava, quando soube, que fosse um imóvel tão bem localizado e tão confortavelmente mobiliado. Sentiu raiva de Juan Carlos, de novo, ao lembrar que esse poderia ser um dos ambientes em que ele vivera seus casos de amor extraconjugais.

Voltou à realidade, olhou pela janela, o céu estava se tornando nublado, virou-se para o relógio na parede e verificou que ainda eram 10 horas da manhã. Não tinha como dar seu passeio à beira mar, porque suas pernas estavam muito doloridas pelas varizes que se avolumaram nos últimos anos. Não estava com vontade de ler, pois já havia repassado toda a coleção de Hemingway. Ele era seu autor preferido, menos pela sua literatura e mais porque ele evocava Cuba, o Bar La Floridita, onde Mercedes o viu mais de uma vez, e o daiquiri, seu *drink* preferido, como o era para o célebre escritor americano que viveu tanto tempo na sua ilha querida.

Lembrou novamente de Fidel e o passado voltou a povoar seus pensamentos,]. Ocorreu-lhe a ideia de que, talvez, tivesse ficado atraída por ele quando o viu pela primeira vez na cerimônia de subida das escadas, que sempre abre o ano letivo na Universidade de Havana. Ele era sorridente, mas, ao mesmo tempo, tinha aquele ar de quem já sabe mais ou pensa que sabe mais do que os outros, o que deixou Mercedes desconcertada. Desejou não tê-lo conhecido na universidade, desejou não ter tido razões para odiar a revolução e seu líder máximo, como uma possibilidade de não ter feito as escolhas que fez.

Lembra-se muito bem da primeira vez que aventou a hipótese da saída de Cuba. Estava no escritório de sua casa, com Pablo passando a ela as poucas informações que havia conseguido obter sobre os bens que estavam à sua disposição na Flórida. Fazia um calor violento. Ela se sentara colocando parte dos panos da saia rodada, entre as pernas, como forma de evitar aquele suor desagradável entre elas. Era um vestido de seda pura e o gesto fez com que o tecido aderisse rapidamente ao seu corpo úmido pelo calor, mostrando o formato dos quadris e o triângulo que antecipava a púbis.

Em menos de um minuto Pablo estava endoidecido, como um desejo que explode, depois de anos de auto-repressão por respeito à patroa. Mercedes olhou pela janela e ouviu que os filhos conversavam com amigos vizinhos na varanda da frente e, assim que viu que estavam fora do alcance do olhar deles, foi ela que se insinuou para Pablo, entreabrindo as pernas, puxando o tecido molenga mais para cima, mostrando claramente que estava querendo brincar ali mesmo.

A porta do escritório foi rapidamente fechada por Pablo e depois de três anos de viúva e mais de 10 anos após o período de boa vida sexual com Juan Carlos, Mercedes teve um orgasmo de ver estrelas.

Agora relembando, sentiu as pernas amolecerem e lamentou que o tempo tivesse passado. Viveu com Pablo por 25 anos. Com ele, planejou a saída de Cuba, estabeleceu-se em Miami e fez algumas boas viagens, enquanto o patrimônio deixado por Juan Carlos ainda permitia.

Ele morreu, na cama, ao seu lado, de ataque cardíaco. Eles ainda se acariciavam, diariamente, ao amanhecer e ao anoitecer, e se, já não faziam sexo todo dia, mantinham relações cheias de novidades, sempre estimuladas por conversas picantes e brincadeiras cheias de carinhos, que cotidianamente marcavam o passar das horas.

Seus irmãos, tanto Juarez, como Alfonsito reprovavam sua relação com Pablo. Os argumentos eram os mais pobres: “ele não pertence a nossa classe social”, “ele tem ascendência negra, porque com essa cor de pele não engana ninguém”, “ele não trabalha e é cômodo viver às custas da sua herança”....

Ainda bem, Mercedes não dera ouvidos a essas opiniões e essa foi mais uma razão para levar adiante a ideia de deixar Cuba: precisava de liberdade para viver com Pablo.

Começou, nos encontros de família, a falar que era importante dar um futuro aos filhos. Eles não poderiam se projetar profissionalmente em Cuba. Juarez, o mais novo, que tinha total simpatia pela revolução, logo se antepunha, lembrando que, mais que nunca, o país precisava de jovens para ser construído e eliminar toda desigualdade na ilha. Alfonsito, mais perspicaz, ouvia seus argumentos sem comentários para, ao final, concluir laconicamente: “Eu sei muito bem, porque você quer ir embora de Cuba.”

No Natal de 1971, esperou o momento após a oração no começo da ceia para informar a todos que iria se mudar para os Estados Unidos. Iriam ela, sua mãe, os dois filhos e Pablo. Teve coragem de falar em alto e bom som: Pablo! Jurou que nunca mais teria que passar a noite de Natal, deixando seu amante e companheiro

em seu quarto nos fundos da casa, apenas para manter as aparências. Além do mais, em Miami, ninguém a conhecia e ela ia fazer o possível para evitar a comunidade de cubanos que se formara nesta cidade, apesar da ajuda que algumas dessas famílias, amigas da sua, estavam lhe dando, enviando informações mais precisas sobre a situação patrimonial dela nos Estados Unidos.

Seus filhos olharam com os rabos dos olhos e não ousaram emitir opinião antes dos mais velhos. Seus irmãos argumentaram aqui e ali, sua mãe disse que não deixaria Cuba de jeito nenhum, mas Mercedes manteve-se firme. A falta de resistência dos filhos ajudou, porque ambos cresceram ouvindo falar tão mal da revolução que não eram propriamente jovens que acreditassem no futuro de Cuba. Além do mais, a família do namorado de Isabel, sua filha, havia deixado Cuba há um mês e a possibilidade de um reencontro do casal era ótima para a jovem. Juanito achava que devia acompanhar a mãe, como forma de resguardá-la de qualquer interesse escuso de Pablo. Desde que percebera o caso da mãe, sentia um misto de ciúme com responsabilidade de preservar o que era da família, porque não admitia a entrada do secretário na vida deles, sentimento que mudou completamente com o convívio de anos em Miami.

Mercedes lembrou que era dia de pedir a Dolores, que providenciasse as compras para o almoço de domingo. Era o primeiro do mês, quando recebia seus filhos e alguns netos, pois nem todos vinham sempre ao encontro “sagrado” de família.

Ficou desanimada, ao contrário de outras vezes, com a perspectiva do encontro. Sabia que, sobretudo os netos, preferiam outro programa ao domingo na casa da avó. Isabel e seu marido viviam cada vez mais distantes, desde que um culpava ao outro pelo fato de segundo filho ter se tornado dependente de drogas.

Juanito já estava no terceiro casamento e, agora, com uma mulher muito mais jovem, razão pela qual ele estava mais preocupado em manter em dia o tingimento do cabelo, do que partilhar com a mãe as lembranças de Cuba.

Teve preguiça de chamar Dolores, porque lhe veio claramente à mente o dia da partida de Cuba. A casa já estava quase vazia, porque distribuía os móveis e objetos melhores entre a família. O Estado ficaria com os quadros que seriam incorporados ao Museu de Belas Artes. Mercedes já assinara, um mês antes, a documentação para entregar o imóvel ao Estado, já que obtivera licença para deixar o país, sob essa condição. Não queria sair ilegalmente, porque temia represálias contra sua família. Pablo, que não era oficialmente nada seu, tivera que deixar Cuba uma semana antes, clandestinamente, e ela ansiava por notícias, o que só teria, quando chegasse a Miami.

Era um entra-e-sai de gente dentro de casa para se despedir, uns com o olhar de crítica, outros de inveja, e ninguém entendeu, muito bem, porque Mercedes havia feito um coque tão grande no alto da cabeça, pois ela sempre usara o cabelo preso na nuca. Ela sabia muito bem a razão e esperava que essa gente toda não a atrapalhasse em suas providências finais.

Já tinha ido à casa da mãe, na véspera, para a grande despedida: temia nunca mais voltar a vê-la, o que, de fato, ocorreu, porque três anos depois ela faleceu e Mercedes só soube dois meses depois. Conferia com os filhos a enorme bagagem e temia revista no Aeroporto de Havana. Colocou seu melhor *tailleur* e seus sapatos azul marinho e branco combinando com a bolsa. Sentiu-se um pouco *démodé*, porque a imagem que via no espelho era ela aos 40, vestida num traje que lhe foi feito sob medida aos 25 anos.

Por final, dedicou-se à grande tarefa. Abriu a sua caixa de jóias e foi colocando as mais valiosas dentro do grande coque no alto da cabeça. Ia prendendo com grampos, temerosa de que a peça escorregasse e o brilho do ouro aparecesse sob os fios de cabelo negro. Lembrou chateada, que alguns fios brancos começavam a aparecer perto das têmporas. Empurra, ajeita, enfia mais um anel e dois brincos de brilhante, olha chateada para o bracelete de ouro, largo demais para ainda caber no esconderijo insólito. Volta o olhar para a caixinha e vê que ainda sobrou muita coisa. Verifica, no

relógio, se ainda tem tempo de ir até a casa da mãe e deixar aquele pequeno tesouro para ela.

Sai correndo pela calçada, com o pescoço duro para não desequilibrar o coque, tão pesado pelo enxerto valioso e, quando vê a mãe abatida na varanda, recomenda a ela que tenha para si as jóias e não repasse uma peça sequer aos irmãos. Afinal, eles nem quiseram mais falar com ela, desde o fatídico Natal. Volta para casa, acaba de fechar as malas e sai pela porta sem olhar para trás, com medo de mudar de ideia ou de chorar.

Voltou a si, diante da janela de seu belo apartamento, e se percebeu chorando. A saudade não era apenas um sentimento, mas uma dor que chegava a sufocar sua garganta e embaçar seus olhos. Tinha que enfrentar seu próprio passado como único meio de ter, para si, algum futuro que não fosse simplesmente olhar para o mar em direção a Cuba e viver de reminiscências.

Decidiu pedir a Dolores que trabalhasse no próximo domingo, como um dia extra, porque queria um almoço magnífico. Não aceitaria desculpas esfarrapadas pelas ausências, queria todos reunidos, sem exceção. Abriria o melhor vinho de sua pequena adega; prepararia com a ajuda de Dolores a mais saborosa terrina de frutos do mar que já pudera preparar; na mesa estaria a maravilhosa toalha de linho da Ilha da Madeira, que considera a peça mais bonita de seu enxoval de casamento; limparia o faiança de prata e usaria os cristais da Bohemia que sempre reservava com tanto apreço.

Seria um almoço espacial: iria comunicar aos filhos, noras e netos que voltaria para Cuba em grande estilo e firmeza, como fizera no Natal de 1971, ao avisar que viria para Miami. Lembrou chateada que, por causa do Raio X e do exagero das revistas, desde que Bin Laden atacou as torres, não poderia levar de volta suas jóias, mas daria um jeito de carregar muito dinheiro na roupa para dar algum conforto aos irmãos já bem velhos, aos sobrinhos que não via há mais de dez anos e a quem pudesse ajudar em sua querida Havana.

Levantou lepidamente para tomar as providências e se perguntou por que as pernas doíam menos. Olhou para o aparelho de som e percebeu que o CD já rodara várias vezes e Pablo Milanés continuava cantando. Ouviu mais uma vez a sua música preferida e pensou que tudo poderia ser diferente se, ao invés de Mercedes, ela se chamasse Yolanda e, sobretudo, se fosse a personificação do amor imaginado por Milanés, aquele em que a mulher amada e a Cuba querida estivessem tão intrinsecamente amalgamados.

Carminha

Julho de 2011